



Uma nova era missionária...

Caros Confrades e Leigos Espiritanos Associados,

Este ano, a Igreja comemora os 400 anos da fundação da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, mais conhecida pelo seu nome latino ‘Propaganda Fide’ - agora o Dicastério para a Evangelização dos Povos. Realizou-se na Pontifícia Universidade Urbaniana, em Roma, de 16 a 18 de Novembro, uma conferência internacional de três dias sobre o tema “*Euntes in mundum universum*” para examinar a história secular da Congregação, o seu mandato missionário em novos territórios, abordando também o seu impacto global nos dias de hoje. Os missionários levaram a mensagem das verdades reveladas e da salvação a novos povos e lugares. O trabalho de evangelização e missão realizado pelos missionários - especialmente religiosos e religiosas - tem sido saudado com profunda gratidão. O historiador veneziano, Gianpaolo Romanato, professor de História da Igreja moderna e contemporânea na Universidade de Pádua, ao tirar conclusões da conferência, elogiou a contribuição desta instituição para a proclamação do Evangelho, ao mesmo tempo que reconheceu as imperfeições que mancharam o seu percurso. Ele sublinhou que muitas das ideias que surgiram no passado, na sequência da Propaganda Fide, podem sugerir abordagens muito atuais para o presente e o futuro da missão da Igreja.

Uma congregação missionária como a nossa não pode ficar indiferente a tal acontecimento, tendo em conta o papel desempenhado por um dos nossos fundadores, Francisco Maria Paulo Libermann, especialmente a originalidade do seu pensamento, com o seu importante texto missionário intitulado ‘*Memorando à Propaganda*’, de 1846, no qual apresenta as diretrizes para a organização do trabalho missionário e as razões pelas quais a sua Sociedade deveria empenhar-se nele; o que, na altura, constituiu uma orientação eminentemente inovadora. E como diz Roger Pasquier, “*a modernidade do seu pensamento é revelada no seu pedido aos seus seguidores para não trazerem a Europa para África, para ‘se tornarem negros com os negros’, a fim de conseguirem o mais depressa possível o estabelecimento de uma Igreja nativa com os seus padres e bispos*”¹. Em muitos aspectos, a abordagem e a visão do Padre Libermann foram um tesouro precioso que inspirou concretamente o trabalho da Congregação e da Propaganda Fide. O Padre Libermann ter-se-ia regozijado se pudesse ter testemunhado o desenvolvimento a que estamos hoje a assistir. Regozijamo-nos e damos graças a Deus neste Natal pelo fruto desta bela obra, pelo estabelecimento das igrejas locais, que hoje mostram tanto vigor. Com o estabelecimento das igrejas locais, abriu-se uma nova era missionária para as congregações missionárias. Passamos da era da implantação de igrejas locais para a fase de consolidação e colaboração. A visão da missão que inspirou o grande movimento missionário do século XIX já desapareceu há muito.

O mundo em que vivemos mudou notavelmente e a linguagem da missão também evoluiu muito. A mudança geográfica na missão é muito marcante. O movimento missionário “da Europa para o resto do mundo” evoluiu para uma missão global em todos os continentes; todos os continentes são, ao mesmo tempo, territórios de envio e acolhimento de missionários. O Papa Francisco orienta a Igreja numa perspetiva de missão sinodal em que todo o povo é missionário, e convidado a caminhar juntos, a ouvir-se, a participar e a colaborar com a missão, de acordo com o carisma e a especificidade de cada estatuto dos batizados. Novas questões societais estão a entrar no debate público, especialmente em reação às posições tradicionais da Igreja. Os escândalos de abuso sexual por missionários e clérigos criaram uma crise de identidade e legitimidade nas comunidades cristãs. Cabe aos missionários estar atentos a estes novos desenvolvimentos que afetam hoje a missão.

¹ Roger Pasquier. *L'histoire des missions. Nouvelles approches*. In: Revue française d'histoire d'outre-mer, tome 79, n°294, 1er trimestre 1992. pp. 127-142 ; p. 129.

Uma convicção semelhante de ter que fixar o nosso olhar no mundo em mudança em que vivemos, animou os debates e as deliberações do Capítulo Geral de Bagamoyo II. A necessidade de uma profunda conversão na forma como vivemos hoje a missão espiritana foi, várias vezes, evocada no último Capítulo. Bagamoyo II insistiu: a) numa mudança de abordagem e estilo de missão, b) na coragem de abandonar compromissos que já não estão conformidade com o nosso carisma em favor daqueles que estão mais em linha com ele.

Face aos atuais desafios missionários, a primeira fase do plano de animação sobre o tema da Missão, lançada a 2 de Outubro último, convida toda a Congregação a uma reavaliação orante e reflexiva dos nossos atuais compromissos, com vista a uma melhor organização e eficácia missionária. Na mesma perspetiva, com resposta às necessidades da missão, uma reflexão sobre a mudança de estatuto de um certo número de circunscrições está a ser iniciada com as circunscrições em causa. Oração e reflexão são primordiais neste processo de discernimento. O sucesso da missão dos apóstolos no livro dos Atos dos Apóstolos, seguindo o êxito do seu Mestre, foi garantido pelo tríptico: oração, reflexão e organização, como sublinha o Pe. Paulin Poucouta: *“Confrontados com os novos desafios que constantemente encontraram, os primeiros cristãos tiveram de pensar a missão, iluminados pelo Espírito, que os ajudou a tornar realidade o dizer e o fazer do Senhor Ressuscitado”*. (Spiritus Review, no. 246, p.5). As situações que os apóstolos enfrentaram na sua missão não foram previstas pelo Mestre. Mas o Espírito Santo, enviado pelo Pai, instruiu-os sobre todas as coisas, sobre todas as decisões a serem tomadas face às novas situações, sem que estas se opusessem à palavra do Mestre. O mesmo se pode dizer da relação entre as intuições legadas pelos nossos fundadores e as suas sucessivas evoluções, pois eles não tinham previsto os acontecimentos que marcam o mundo de hoje.

É à luz da ação do Espírito Santo que queremos viver esta primeira fase do plano de animação. Avaliação, desapego e mudança não são evidentes por si só! Eles questionam os nossos hábitos e forçam-nos a fazer escolhas. E onde a necessidade de mudança é sentida, a própria fragilidade das nossas circunscrições nem sempre facilita novas iniciativas. Libermann lança alguma luz sobre este mesmo ponto de desapego. No início da sua obra, Libermann foi muito claro quanto ao seu objetivo: *“Consiste em entregarmo-nos e dedicarmo-nos inteiramente a Nosso Senhor para a salvação dos negros, como sendo as almas mais miseráveis, as mais afastadas da salvação e as mais abandonadas na Igreja de Deus”* (N.D. II, 69). Mas ele passa gradualmente da exclusividade dos “negros” para os “mais necessitados”. Respondendo a alguém que lhe criou dificuldades sobre a dimensão da sua obra, escreveu: *“A dificuldade sobre a dimensão da obra missionária não tem nenhum significado. Será sempre suficientemente grande para ocupar duzentos trabalhadores apostólicos durante cinquenta anos... Mas se, dentro de cinquenta anos, todos os negros já viverem em boas condições, quem impedirá os missionários de correrem em auxílio de outra parte da Igreja, que, nessa altura, será a mais abandonada e desprezada?”* (N.D. II, 182). Para Libermann, os seus missionários darão sempre prioridade aos locais onde as necessidades são maiores, embora, em nome da continuidade, especifique que as missões iniciadas e que estejam ainda a cumprir o critério de estar entre as “mais necessitadas”, não devem ser abandonadas (N.D. II, 241; Regra provisória, Cap. 3, a. 6).

O último Capítulo Geral convida-nos a despertar o espírito missionário, a insuflar nova vida na dinâmica da missão espiritana: *“Vejam, vou fazer algo de novo!”* (Is 43, 19). O Espírito Santo chama hoje para coisas novas; melhor ainda, Ele já as está a trazer, com a Sua criatividade, chamando cada um de nós a entrar numa nova fase missionária, no meio da tormenta de um mundo que se contorce no auge de um parto doloroso e inesperado.

Enquanto refletimos juntos sobre o tema da missão, que o Senhor que vem entre nós no Natal dê a cada um de nós a graça de acolher novos apelos, fora dos caminhos já palmilhados, nesta nova era missionária que se abre para nós.

Alain Mayama, C.S.Sp